

MINISTÉRIO DA CIDADANIA APRESENTA:



FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de Gestão



FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de Gestão



instituto
fazendohistória

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

4

1. IMPLEMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO FMH

8

1.1 Gestão da metodologia	12
1.2 Sensibilização dos profissionais	13
1.3 Mobilização de colaboradores	15
1.4 Formação inicial e seleção de colaboradores	17
1.5 Primeira visita dos colaboradores ao serviço de acolhimento	21
1.6 Apresentação da proposta para as crianças e adolescentes	24
1.7 Participação das famílias biológicas e adotivas	25
1.8 Avaliação dos álbuns	27
1.9 Uso dos álbuns em audiências e entrevistas na Vara da Infância e Juventude	31

2. ACOMPANHAMENTO CONTÍNUO DOS COLABORADORES

34

2.1 Comunicação eficiente e regular	35
2.2 Supervisão mensal	36

2.3 Trocas constantes de informações relevantes	40
2.4 Apoio para planejar e executar um encerramento de qualidade	41

3. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS

44

3.1 Escolha e aquisição de livros	45
3.2 Montagem e uso da biblioteca	49
3.3 Local reservado para realização dos encontros semanais	50
3.4 Álbuns	51
3.5 Registros fotográficos	52
3.6 Impressão de fotos e distribuição aos colaboradores	53
3.7 Material gráfico	54

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

57

5. ANEXOS

58



APRESENTAÇÃO

O respeito à história e o direito à verdade são a base para o trabalho com as crianças e adolescentes acolhidos. Tão ou mais importante do que matriculá-los na escola, no futebol, levá-los ao médico ou para passear, é poder lhes dizer o porquê estão acolhidos e qual relação poderão ter com sua família a partir daquele momento. É se interessar e valorizar suas recordações, saudades e hábitos, propiciando um espaço de acolhimento verdadeiro.

Trabalhar com histórias de vida é uma prática garantida por Lei. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 100, estabelece o princípio da obrigatoriedade da informação e participação, esclarecendo que a criança e o adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento, devem conhecer o motivo do acolhimento e como essa medida de proteção funciona no seu caso específico. Além disso, esse mesmo artigo pontua que eles têm direito a opinar e participar das decisões tomadas pela autoridade judiciária.

Dessa forma, o **trabalho com histórias de vida** permeia o trabalho mais amplo do serviço de acolhimento e a relação dos adultos com cada acolhido. Deve estar contemplado no Projeto Político Pedagógico¹, nas ações e atitudes diárias.

O **Fazendo Minha História** é uma metodologia sistematizada de trabalho com histórias de vida e existe para apoiar os serviços de acolhimento no desafio de ajudar as crianças e adolescentes a lidarem com suas experiências passadas e presentes. Essa metodologia foi criada em 2002, época em que o direito à verdade ainda não era um princípio básico da política do acolhimento. Nesse contexto, a

atuação próxima do Instituto junto aos serviços foi fundamental para sensibilizar e formar diversas equipes em relação à necessidade de trabalho com histórias de vida. Mas muita coisa mudou desde então. Hoje quem trabalha nessa área sabe que crianças e adolescentes têm direito a conhecer, compreender, elaborar e opinar sobre seu passado, presente e futuro.

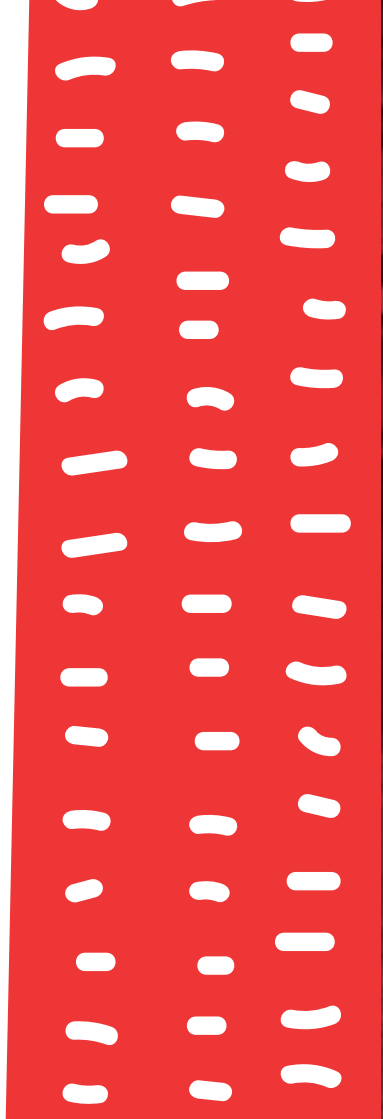
Nesse novo cenário, os princípios do trabalho com história de vida foram incorporados e compreendidos pelos serviços de acolhimento. No entanto, ainda é um desafio colocá-los em prática. Afinal, o que significa trabalhar com histórias de vida? Como criar espaços de expressão para que crianças e adolescentes se apropriem e elaborem suas histórias?

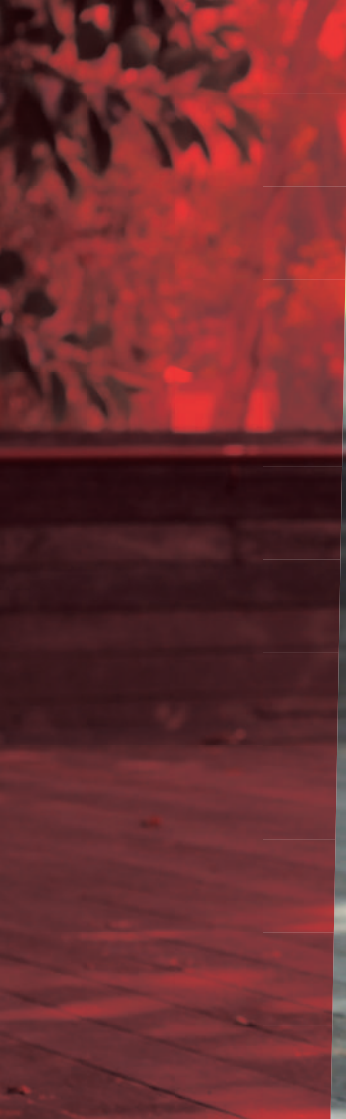
Esse **Guia de Gestão**² pretende ajudar os serviços de acolhimento a desenvolverem o Fazendo Minha História com **autonomia**³. Aqui coordenadores, técnicos e educadores encontrarão informações práticas e objetivas sobre o funcionamento dessa metodologia no dia a dia para que possam fazer uma **gestão eficiente** do trabalho proposto.

1 O Fazendo Minha História é citado pelas Orientações Técnicas – documento que estabelece parâmetros nacionais de funcionamento dos serviços de acolhimento – no capítulo sobre Projeto Político-Pedagógico, como referência metodológica de organização de registros sobre a história de vida e desenvolvimento de cada criança e adolescente.

2 Esse Guia é complementar ao Guia de Ação para Colaboradores, que se encontra no kit de replicação ou no site do Instituto www.fazendohistoria.org.br

3 O Fazendo Minha História é uma metodologia aberta e sua replicação é possível através deste Guia e de outros materiais que podem ser encontrados no site ou no kit de replicação da metodologia.





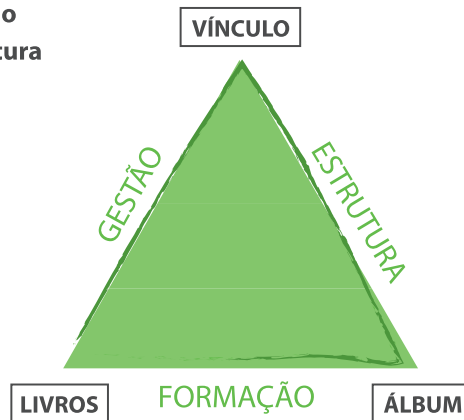


IMPLEMENTAÇÃO DO
FAZENDO MINHA HISTÓRIA

O objetivo geral do Fazendo Minha História é oferecer meios de expressão para que cada criança e adolescente elabore e se aproprie de sua história passada e presente. Seus objetivos específicos são:

- Que as crianças e adolescentes leiam mais e com mais prazer;
- Que cada criança e adolescente reconheça o valor e registre sua história em um álbum;
- Que adultos conversem afetivamente com as crianças e adolescentes sobre suas histórias.

O triângulo ao lado destaca sua estrutura metodológica:



As pontas do triângulo se referem a cada objetivo específico e mostram a relação constante entre vínculo, livros e álbum. Para que a criança ou adolescente conheça, elabore e se aproprie de sua história (passada, presente e futura), é necessário que estabeleça vínculo afetivo e de confiança com um adulto que a ajude e a acompanhe nesse processo. No FMH, esse adulto é chamado de colaborador (voluntário ou profissional do serviço de acolhimento) e se encontrará com a mesma criança ou adolescente semanalmente, pelo tempo que durar o acolhimento. Ter adultos com quem possa conversar afetivamente sobre seus sentimentos, medos e dúvidas traz alívio, sensação de cuidado e de não estarem sozinhos. A partir dessa relação e por meio da literatura infanto-juvenil, crianças e adolescentes constroem um álbum com uma versão própria de suas histórias de vida. Desenhos, colagens, fotos e textos retratam experiências e pessoas significativas que fazem parte de suas trajetórias. O álbum valoriza suas famílias e origens, registra informações que os ajudam, hoje e amanhã, a entender o período do acolhimento e projetar sonhos e desejos para o futuro. Quando vão embora do acolhimento, levam consigo suas memórias e sentimentos nos mais belos registros!

As laterais do triângulo se referem à formação dos adultos envolvidos (profissionais do serviço e voluntários), à estrutura material necessária (livros, álbuns, fotos, materiais gráficos) e à gestão de todas as ações previstas neste guia, aspectos fundamentais para funcionamento da metodologia e alcance de seus resultados.

Qualquer serviço de acolhimento interessado – e até mesmo outros equipamentos de assistência social – pode desenvolver o Fazendo Minha História autonomamente. Essa metodologia é aberta e sua replicação é possível através deste Guia e de outros materiais que podem ser encontrados no site ou no kit de replicação, que pode ser adquirido no Instituto Fazendo História.

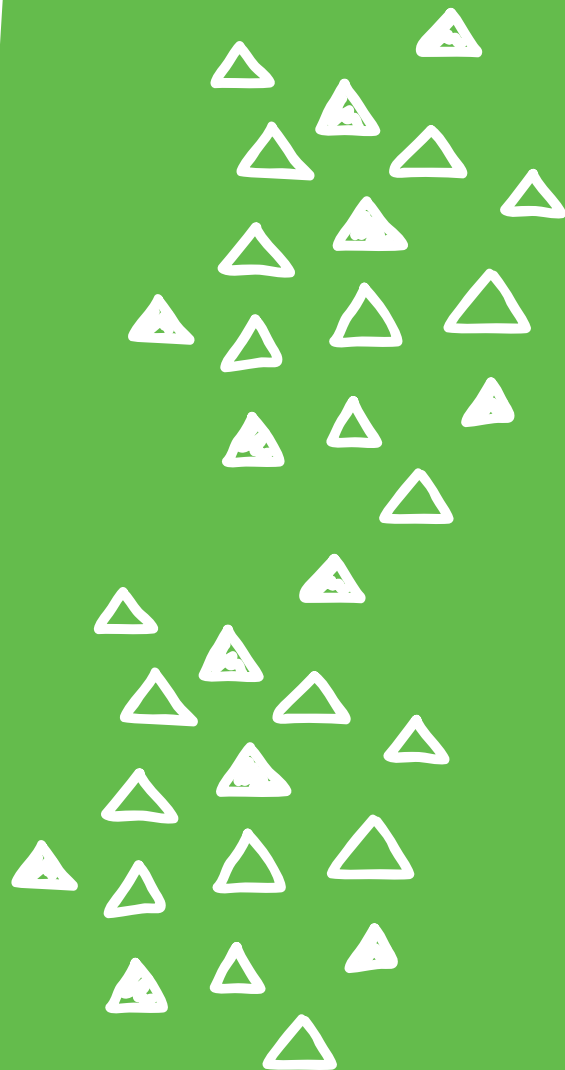




1.1 GESTÃO DA METODOLOGIA

O sucesso da metodologia e conquista dos resultados esperados dependem de uma gestão eficiente, ou seja, da boa organização e execução das ações previstas, que por fazerem parte do cotidiano do serviço de acolhimento, devem ser geridas por quem trabalha ali diariamente. Dois profissionais, sendo ao menos um deles um dos técnicos (psicólogo ou assistente social), são designados para assumir a gestão. Ambos precisam compreender os princípios e se encantar com as possibilidades que este trabalho oferece. A composição de uma dupla garante a sustentabilidade do Fazendo Minha História a longo prazo, mesmo se um dos seus integrantes estiver de férias, de licença ou se desligar do serviço.

Essa dupla gestora não precisa ser responsável pela execução direta de todas as ações detalhadas neste guia, mas deve garantir que elas aconteçam sensibilizando e compartilhando funções com outras pessoas da equipe.



1.2 SENSIBILIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS

Toda ação ou metodologia que passará a integrar a rotina de um serviço de acolhimento precisa ser apresentada aos seus profissionais – técnicos, educadores e profissionais de apoio. O sucesso do trabalho com histórias de vida, assim como de outras iniciativas, depende do alinhamento e articulação entre toda a equipe. Educadores são parceiros fundamentais, pois conhecem bem as crianças e adolescentes, participam de suas atividades diárias e testemunham seus momentos especiais.

Temos como expectativa que tanto as ações concretas – mediação de leitura e construção dos álbuns – como os princípios do Fazendo Minha História sejam compreendidos e incorporados pelos profissionais, contribuindo para a relação que estabelecem com as crianças, adolescentes e suas famílias.

Nesse sentido, é fundamental que a dupla gestora apresente à equipe os princípios e objetivos da metodologia. Para essa apresentação, podem ser utilizadas as mesmas atividades e materiais da formação dos colaboradores (passo a passo da formação no ANEXO 1 ou no kit de replicação).

Os educadores contribuem muito com o dia a dia do Fazendo Minha História através das seguintes ações:

- Realizar mediações de leitura semanais;
- Escrever depoimentos para os álbuns;
- Compartilhar com os colaboradores informações sobre rotina, gostos, características, sonhos e histórias compartilhadas pelas crianças e adolescentes no dia a dia;
- Tirar fotos da rotina das crianças e adolescentes, dos momentos significativos, festas de aniversário, passeios e, sobretudo, visitas de familiares;

- Manter a sala onde são realizados os encontros limpa e organizada;
- Manter a biblioteca e livros organizados;
- Ajudar a criança ou adolescente a estar pronto no horário do encontro;
- Apresentar o Fazendo Minha História aos familiares, incentivá-los a participarem da confecção das páginas e a levarem os álbuns para casa nos finais de semana e feriados que passam junto às crianças e adolescentes.





Os educadores que manifestarem interesse de forma espontânea, que compreenderem o sentido do Fazendo Minha História e tiverem perfil para este trabalho podem se tornar colaboradores, passando pelas mesmas etapas de formação descritas no anexo 1.

1.3 MOBILIZAÇÃO DE COLABORADORES

Ao planejar o início do FMH, o serviço de acolhimento deve definir quem serão os colaboradores, ou seja, os adultos de referência que realizarão os encontros semanais com as crianças e adolescentes. Eles podem ser pessoas da sociedade civil (voluntários) ou profissionais do serviço de acolhimento.

Essa definição exige refletir sobre as características e possibilidades do serviço de acolhimento. Por um lado, a metodologia pode favorecer a construção e fortalecimento do vínculo afetivo



entre profissionais e crianças ou adolescentes. Encontros individuais regados a livros e conversas sobre as histórias de vida podem ajudar técnicos e educadores a construir uma visão mais sensível, acolhedora e empática em relação às crianças, adolescentes e suas famílias. Por outro lado, na rotina intensa e imprevisível de um serviço de acolhimento nem sempre os trabalhadores conseguem garantir a frequência semanal dos encontros, que podem gradualmente se transformar em uma ação secundária na casa.

Optar por voluntários é uma forma de garantir, como está previsto no artigo 92 do ECA, a participação da comunidade no processo educativo. Incluir no serviço de acolhimento pessoas da sociedade civil devidamente formadas e selecionadas, disponíveis para estabelecer vínculo duradouro e significativo, munidas de uma metodologia com objetivos e estratégias claras, permite o fortalecimento da convivência comunitária de acordo com os parâmetros estabelecidos pelas Orientações Técnicas – serviços de acolhimento para crianças e adolescentes.

Caso fique definido que o grupo de colaboradores será composto por voluntários da sociedade civil, são necessárias algumas semanas para mobilizar pessoas interessadas em participar da formação inicial. Aqueles que entram em contato com o serviço de acolhimento se disponibilizando a trabalhos voluntários sem direcionamento claro ou que não correspondem às necessidades do serviço podem ter seus contatos anotados para serem posteriormente convidadas para a formação. Um convite com uma breve



explicação sobre o Fazendo Minha História⁴, com data e local da formação e contatos do serviço de acolhimento pode ser amplamente divulgado por e-mail, Whatsapp e Facebook. Técnicos e educadores contribuem enviando o convite para amigos, familiares, vizinhos, colegas. Muitas pessoas iniciam a formação e não a concluem. Outras não possuem o perfil adequado para esse trabalho. Por esses motivos, é interessante mobilizar um número grande de participantes.

1.4 FORMAÇÃO INICIAL E SELEÇÃO DE COLABORADORES

Qualquer pessoa que tenha interesse em se tornar colaborador do Fazendo Minha História, seja profissional ou voluntário da sociedade civil, precisa participar do processo de formação inicial composto por 3 encontros de 3 horas cada (9 horas no total) em que são trabalhados os seguintes temas: contexto histórico e parâmetros legais do acolhimento, princípios e objetivos do Fazendo Minha História, contrato do colaborador, mediação de leitura e construção do álbum de histórias (passo a passo dos encontros de formação se encontram no ANEXO 1 ou no kit de replicação). Essa formação serve para que conheçam a metodologia e reflitam sobre a disponibilidade de tempo e de afeto para fazer parte dela.



⁴ Veja no ANEXO 2 uma sugestão de texto para o convite de divulgação.



O colaborador participa do projeto por no mínimo um ano, mas a expectativa é que acompanhe a criança ou adolescente por todo o período do acolhimento. Em um contexto de alta rotatividade de profissionais e no qual as crianças e adolescentes já passaram por separações significativas, o Fazendo Minha História pretende oferecer relações estáveis e duradouras que as ajudem a confiarem e se vincularem aos adultos.

A dupla gestora deve estar muito atenta durante toda a formação. Perguntas, comentários e expressões corporais trazem subsídios importantes para a seleção dos participantes. Alguns aspectos observáveis indicam se o participante tem perfil para ser colaborador:

- pontualidade
- atenção e interesse
- perguntas e colocações que demonstram entendimento sobre o acolhimento, a metodologia e o papel do colaborador
- capacidade de ouvir e de esperar
- compreensão e empatia em relação à situação de acolhimento, sem desqualificar ou vitimizar as crianças, adolescentes e suas famílias
- tolerância à frustração e flexibilidade
- interesse pelos livros





No Instituto, costumamos dizer que a formação inicial é um processo de seleção mútua: os participantes precisam compreender se este projeto cabe em suas vidas, considerando o grande comprometimento que ele exige; ao mesmo tempo, os técnicos que conduzem a formação observam e avaliam se cada interessado tem perfil para se tornar colaborador.

Ao longo do processo de formação, os colaboradores devem encontrar na dupla gestora referências de conduta que mais tarde serão adotadas por eles no contato com as crianças e adolescentes. Se procuramos colaboradores respeitosos, acolhedores, empáticos e comprometidos, a dupla gestora deve ser modelo em relação a esses aspectos. Planejar a formação, providenciar e testar todos os materiais com antecedência, criar um ambiente confortável e aconchegante, oferecer um lanche, começar e terminar o encontro pontualmente, organizar as cadeiras em roda para que todos possam se olhar e se escutar, recepcionar os participantes de forma acolhedora e bem humorada são detalhes que fazem muita diferença e indicam o clima de trabalho desejado.

No final do terceiro encontro de formação, os participantes são convidados a enviar à dupla gestora, em até uma semana, uma carta de interesse contendo os seguintes aspectos:

- Qual é a sua motivação para realizar um trabalho voluntário? Por que escolheu atuar em serviço de acolhimento?

- Qual sua expectativa para esse trabalho?
- Como pode contribuir com as crianças e adolescentes que participam do projeto?
- Que ganhos imagina que o projeto pode trazer para você?
- Possui alguma experiência com crianças e adolescentes? Qual?
- Costuma viajar com frequência? Consegue organizar viagens com antecedência?

- Quantas horas da semana consegue disponibilizar para este trabalho? Está ciente que além dos encontros com as crianças e adolescentes é imprescindível participar das reuniões de supervisão do trabalho?

Além de auxiliar o participante a refletir sobre sua motivação, disponibilidade e possibilidade de assumir os compromissos que o Fazendo Minha História exige, essa carta oferece informações à dupla gestora que podem auxiliar no processo de seleção.

Depois de refletir sobre cada participante e sua carta de interesse, a dupla gestora seleciona aqueles que poderão participar do Fazendo Minha História e agenda uma primeira visita deles ao serviço de acolhimento. Ao mesmo tempo, dá um retorno franco e delicado para aqueles que, de acordo com sua avaliação, não têm perfil ou não estão no melhor momento para se envolver. Cabe à dupla gestora evitar que pessoas com poucas chances de levar o trabalho até o final comecem a se relacionar com as crianças e adolescentes.



O Instituto orienta que cada colaborador atue com 2 crianças e adolescentes. Isso traz diversos benefícios:

- 1) é necessário um número menor de voluntários para atender todas as crianças e adolescentes;
- 2) a dupla gestora terá uma quantidade menor de voluntários para acompanhar e supervisionar;
- 3) em momentos desafiadores com uma determinada criança ou adolescente, o colaborador terá outra experiência para se manter motivado e engajado.

1.5 PRIMEIRA VISITA DOS COLABORADORES AO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO

Antes da visita, a equipe deve definir quais crianças e adolescentes têm prioridade de participação no projeto considerando: tempo de espera, desejo de participação, previsão de desligamento do serviço (importante garantir aos que sairão em pouco tempo registros sobre o período do acolhimento), benefícios de um espaço individualizado e etc.

A primeira visita dos colaboradores formados e selecionados pela dupla gestora tem como objetivo conhecê-los melhor, definir com quais crianças e adolescentes cada um trabalhará e apresentar o espaço físico do serviço de acolhimento. A visita é uma oportunidade para identificar características que confirmem a seleção de cada um ou questões que impeçam a participação de alguém. Ao mesmo tempo, os voluntários têm a chance de conhecer o clima de um serviço de acolhimento e perceber como se sentem nesse ambiente.

As etapas da primeira visita são:

1. apresentar o espaço físico e os profissionais que estiverem na casa naquele horário;

2. apresentar o histórico e particularidades relevantes do funcionamento do serviço;

3. pedir para os colaboradores se apresentarem contando o que os motivou para esse trabalho voluntário, como foi o processo de formação e como estão se sentindo para iniciar o Fazendo Minha História;

4. leitura do contrato escrito que formaliza os combinados entre colaborador e serviço de acolhimento (modelo sugerido no ANEXO 3);

5. esclarecimento de dúvidas em relação ao contrato;

6. esclarecimentos sobre o funcionamento do FMH no serviço (sala onde são feitos os encontros individuais, localização dos livros e dos álbuns, localização e regras de uso dos materiais gráficos, processo de revelação de fotos);

7. caso os técnicos estejam seguros com a participação do colaborador, são definidas as 2 crianças ou adolescentes com as quais realizará o projeto, a partir de alguns critérios: disponibilidade de horário, perfil do colaborador e das crianças e/ou adolescentes, preferências do colaborador relativas a idade e sexo;

8. definição do dia e horários dos encontros.



Nesta primeira visita, o colaborador não recebe informações sobre as histórias pessoais e familiares das crianças e adolescentes com os quais trabalhará. Ainda que ele pergunte ou tenha curiosidade a respeito, é importante deixar os próprios meninos e meninas mostrarem suas características e se apresentarem, de acordo com seus limites e necessidades. Conhecê-los “despido” de informações anteriores e percepções da equipe do serviço permite descobrir características diferentes daquelas conhecidas por educadores e técnicos. Crianças consideradas tranquilas podem se relacionar de forma agressiva com o colaborador; adolescentes pouco engajados com o trabalho podem revelar interesses e projetos profissionais até então desconhecidos. É importante que cada adulto tenha a chance de construir uma visão particular sobre eles.

Crianças ou adolescentes portadores de alguma condição física ou psicológica desafiadora – ex: deficiência visual, autismo, paralisia cerebral, déficit cognitivo – precisam de colaboradores preparados ou muito disponíveis para aprender a lidar com suas características. Nesses casos, pode ser interessante aguardar a chegada de voluntários com formação técnica ou experiência com casos semelhantes. Excepcionalmente, essas situações exigem que na primeira

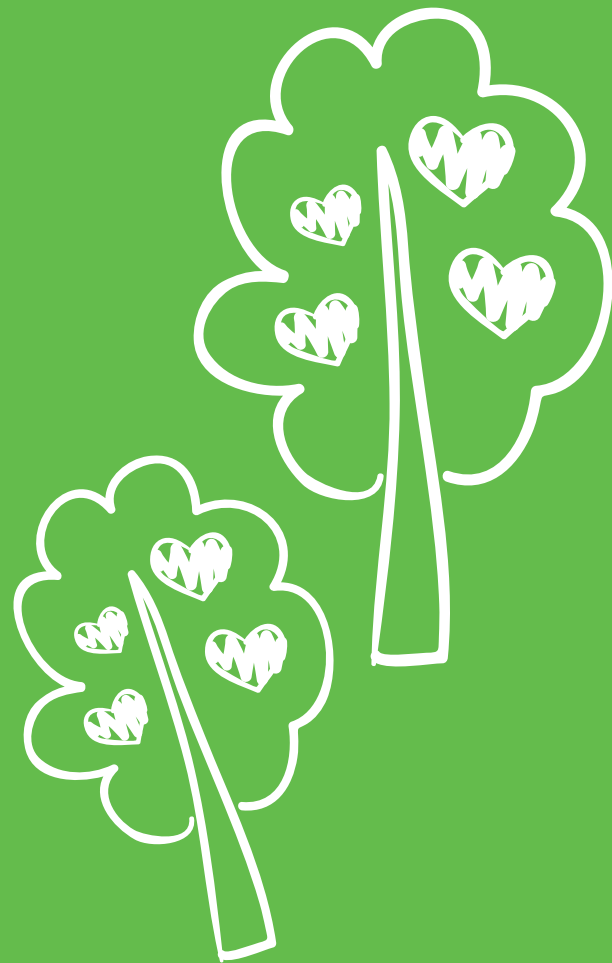
visita sejam esclarecidas as características da criança e adolescente, os cuidados necessários, os desafios que podem surgir. Nessa conversa, o colaborador deve esclarecer suas dúvidas e ter mais algum tempo para refletir sobre sua disponibilidade de envolvimento.



1.6 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O Fazendo Minha História deve ser apresentado às crianças e adolescentes através de uma explicação simples, breve e acessível sobre o funcionamento do trabalho. Nesta ocasião vale mostrar os livros de forma descontraída e divertida, apresentar um álbum em branco e mostrar um dos vídeos do kit de replicação ou da página do Instituto no YouTube⁵. A adesão ao projeto é sempre uma escolha da criança ou adolescente, que deve ser incluído somente se assim desejar. Em relação àqueles que em um primeiro momento não quiserem participar, é importante reforçar o convite de tempos em tempos, garantindo que terão seus colaboradores quando tiverem interesse.

Crianças e adolescentes acolhidos quando o Fazendo Minha História já é realizado na casa acabam conhecendo o trabalho de forma natural e espontânea, uma vez que os livros fazem parte do dia a dia, os álbuns em construção são mostrados pelos seus autores, os colaboradores são tratados com carinho. De forma geral, crianças e adolescentes novos em



⁵ <https://www.youtube.com/user/institutofh>

um serviço de acolhimento tomam iniciativa de solicitar seus colaboradores aos educadores e técnicos quando percebem, através de relatos e atitudes do restante dos meninos e meninas, que é gostoso ler livros, fazer um álbum de histórias e ter toda semana um momento só seu com um adulto de referência.

1.7 PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS BIOLÓGICAS E ADOTIVAS

O Fazendo Minha História permite, entre outras coisas, a manutenção das memórias familiares. Ter um espaço para narrar, relembrar, valorizar e registrar situações vividas em família fortalece os vínculos familiares e o senso de pertencimento. Além disso, livros e álbuns podem ser utilizados nas visitas familiares. Mediações de leitura para crianças, adolescentes e seus parentes podem estimulá-los a conversarem, compartilharem situações vividas, histórias de antepassados e curiosidades sobre a família. Essa troca os coloca em um lugar de potência e de quem tem algo precioso a dizer. Nesse sentido, estimular, organizar e promover a participação das famílias nos encontros entre as crianças e adolescentes e seus colaboradores é algo muito desejável.

Nesses encontros, é possível também apresentar o álbum, tirar fotos e elaborar alguns registros, incentivando a participação da família na sua construção. Estimular a criança ou adolescente a levá-lo para casa nos finais de semana ou feriados é outra maneira de valorizar a história dessa família! O objetivo é propiciar bons momentos de convívio, resgatar lembranças e registrá-las. Estas ações podem aproximar ainda mais as crianças e adolescentes de seus pais, avós, tios, irmãos, primos.





Em casos de adoção, os benefícios dos momentos de mediação de leitura e de construção dos registros são muito semelhantes. Mostrar e convidar as famílias adotivas a ouvirem ou lerem livros e a participarem da confecção dos álbuns facilita a construção dos vínculos e abre um canal de comunicação no qual as histórias podem ser olhadas, faladas e valorizadas. Conhecer a criança e a história que ela carrega através do álbum pode facilitar, e muito, a convivência inicial entre pais e filhos. Saber a rotina da criança, seus horários, o que a deixa irritada ou alegre, seus hábitos na hora de comer, de dormir, de tomar banho, os objetos preferidos contribui para uma adaptação gradual e tranquila.

O filho adotivo não nasce quando é adotado. Ele carrega uma história anterior à chegada na família. Quando essa história é desconhecida para os pais adotivos ou transmitida somente pelos atores do judiciário, as cores dadas a ela podem ter uma tonalidade única, às vezes, sombria. O desconhecimento ou a versão única do judiciário podem gerar ideias fantasiosas, preconceituosas, estigmatizantes. Páginas do álbum podem ajudar a superar uma visão negativa da família biológica (“abandono no hospital”, “usuária de drogas e moradora de rua”, “maus tratos”) e revelar momentos de cuidado e amor

que ajudarão a criança e a família adotiva a terem uma visão positiva sobre sua origem (tentativas de visitas que foram proibidas, o enxoval que foi feito carinhosamente pela família, a emoção e indignação ao se separar do filho, o pedido para que alguém cuidasse dele da melhor forma possível, o olhar de ternura durante as amamentações).

O álbum ajuda pais e filhos adotivos a tratarem a história da adoção de maneira natural e lúdica, tornando desnecessário o momento tão temido da “revelação”; a história estará sempre ali, não há um momento específico para se falar dela, pode ser acessada quando quiserem. O álbum pode também auxiliar os pais a contarem a seu filho as experiências que teve antes da adoção, ajudando-o a conhecer mais sobre si mesmo e a construir uma identidade que contemple seu passado, presente e futuro imaginado. Dessa forma, também o acolhimento pode ser visto como um período de cuidado e formação de vínculos com outras crianças, adolescentes e adultos.

No site do Instituto, a publicação “Guia de ação com famílias” (acessível na parte de publicações) detalha os benefícios das ferramentas do FMH para as famílias e sugere diversas atividades com livros e álbuns que podem ser realizadas nas visitas.

1.8 AVALIAÇÃO DOS ÁLBUNS

A construção das páginas deve respeitar o ritmo, desejos e limites do autor em relação aos temas que serão abordados. Ao mesmo tempo, um álbum completo, com registro de experiências e relações variadas, permite que lembranças não se percam e sejam compartilhadas, no presente e no futuro. Para alcançar esse equilíbrio, os colaboradores precisam de ajuda para construir o álbum. Cabe à dupla gestora avaliar a qualidade e propósito dos registros, garantindo, por exemplo, a diversidade de conteúdos, estimulando o capricho no acabamento e na estética, considerando os limites de cada criança ou adolescente e a necessidade de que se sintam representados pelo seu álbum.

Para avaliar a organização e a estética, devem ser considerados os aspectos a seguir:

- **Texto escrito em todas as páginas e de forma legível** - Por ser um álbum de histórias, o conteúdo escrito é a parte mais valiosa e deve ser muito explorado em todas as páginas! Quanto mais trechos escritos, mais completos e ricos ficarão os registros. Para a criança entender (hoje e no futuro) o que está escrito no álbum, é fundamental que o conteúdo seja legível. Por isso é preferível utilizar letra de forma e usar canetas ou canetinhas hidrográficas, pois o lápis apaga com o tempo.
- **Utilização de várias fontes de informação para elaborar as páginas** - Nem sempre as crianças se lembram com detalhes ou conseguem narrar os momentos que viveram, sobretudo as pequenas. Por esse motivo, é preciso buscar ajuda de profissionais da casa, irmãos e outras crianças e adolescentes para escrever histórias detalhadas, deixando claro no registro quem forneceu aquela informação (por exemplo: “a educadora Maria disse que o Antônio adora tomar suco de goiaba!”). Passear pelo serviço

de acolhimento junto com a criança para coletar relatos é uma atividade prazerosa – afinal é gostoso ouvir pessoas contarem histórias sobre nós – e enriquecedora, pois oferece modelos e recursos para que a criança aprenda a falar mais sobre si.

- **Legenda em todas as fotos, desenhos e colagens** - As legendas são fundamentais para que no futuro a criança ou adolescente possa conhecer detalhes da história guardada na imagem. As fotos devem vir acompanhadas de relatos escritos sobre quem está nela, onde foi tirada e o que estava acontecendo no momento do “click”. Quando a própria criança ou adolescente não sabe dizer muito sobre a foto, o colaborador pode pedir mais informações para os profissionais do serviço. Se possível, é recomendável colocar a data ou época da fotografia. Em relação a desenhos e colagens, vale estimular a criança a contar uma história sobre a imagem criada e escrevê-la ao lado, uma vez que podem ser uma forma de falar sobre si mesma, de suas experiências, sentimentos e

desejos. A legenda pode conter, ainda, informações sobre o que motivou a produção daquele desenho ou colagem (ex: após a leitura do livro “Vira Lata”, Joaquim contou que já teve um cachorro chamado Fubá e quis desenhar esse companheiro tão querido).

- **Títulos e datas em todas as páginas** - Títulos e datas organizam o álbum e o relato da criança ou adolescente. Não podem faltar em nenhuma página. No futuro, será muito importante para que saibam quando viveram, pensaram ou sentiram aquilo que está relatado no álbum.
- **Páginas bonitas, coloridas, enfeitadas e criativas** – Páginas bonitas transmitem à criança ou adolescente a sensação de que a história registrada tem muito valor. É importante lembrar que a estética do álbum deve respeitar o gosto e as características de seu autor. Investir em cores, colagens, adesivos, molduras nas fotos são maneiras de enfeitar as páginas.



Em relação ao conteúdo do álbum, não há um roteiro fixo a ser seguido. Os temas das páginas devem ser definidos de acordo com os assuntos que surgem espontaneamente na interação com a criança ou adolescente, respeitando seu desejo de registrar ou não determinados aspectos.

Porém, depois de alguns meses de trabalho e da consolidação do vínculo com o colaborador vale a pena observar se a riqueza da história de vida está sendo retratada nas páginas do álbum. Nesse sentido, caso ainda não tenham aparecido, alguns conteúdos podem ser estimulados. A ideia é que a maior parte dos conteúdos abaixo⁶, quando finalizado o trabalho, tenha sido abordada:

- Identidade com nome completo, data de nascimento, nome dos pais, características e preferências da criança (brincadeiras; comida; hobby; apelido)
- Nome, endereço, telefone e fotos de dentro e de fora do serviço de acolhimento
- Fotos, histórias e depoimentos de outras crianças e adolescentes acolhidos, de educadores, técnicos e outras pessoas importantes (irmãos, pais, tios, avós, primos, namorados, amigos da escola, professores, vizinhos, padrinhos e etc.)
- Escola (fotos, nome, endereço, série, nome dos professores, amigos, matérias preferidas, fatos importantes, passeios, festas)
- Árvore genealógica
- Rotina das atividades dentro e fora do serviço de acolhimento, em dias da semana e finais de semana
- Visita da família
- Festas e passeios
- Férias

- FMH: o que é, quem é o colaborador e seu depoimento para a criança ou adolescente
- Data e motivo do acolhimento
- Linha da vida com datas e lembranças marcantes
- Acontecimentos e experiências anteriores ao acolhimento
- Sonhos e projetos para o futuro
- Desligamento do serviço de acolhimento (sentimentos, perspectivas de futuro, sonhos)

A dupla gestora pode ainda utilizar as fichas⁷ com sugestões de páginas para apoiar e orientar os colaboradores em relação à construção dos álbuns. A proposta dos desenhos e temas de cada ficha é inspirar acerca dos recursos estéticos e assuntos que podem ser abordados. As ilustrações servem como material de apoio e consulta e não devem ser copiadas, uma vez que as páginas padronizadas perdem a riqueza e desconsideram a singularidade de cada criança e adolescente.

1.9 USO DOS ÁLBUNS EM AUDIÊNCIAS E ENTREVISTAS NA VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE

O ECA garante que a criança ou adolescente conheça seus direitos e o motivo que levou ao acolhimento. Além disso, estabelece que deve ser ouvida e deve participar das decisões ligadas à sua vida, tendo sua opinião considerada pela autoridade judiciária.

⁶ Há maiores detalhes sobre o conteúdo dos álbuns no Guia de Ação para Colaboradores, que pode ser encontrado no site do Instituto e no kit de replicação da metodologia.


⁷ Presentes no Guia de Ação para Colaboradores e no kit de replicação da metodologia.

No entanto, colocar em prática esses direitos não é tarefa simples. Como explicar para crianças e adolescentes de todas as idades sobre o motivo do acolhimento? Como criar um exercício contínuo de escuta para além do momento de construção do PIA e da audiência concentrada? Como ajudá-las a ter uma opinião e a participar de forma ativa sobre as decisões que definem os rumos de suas vidas?

Opinião se constrói a partir de informações e de reflexão, afinal, não nasce da noite para o dia ou na frente do juiz, repentinamente, sem um preparo prévio. Sabemos que audiências são rápidas e nem sempre muito acolhedoras. Se não houver um trabalho intenso e contínuo antes de encontros com atores do judiciário, dificilmente a criança ou adolescente se tornará de fato ativa e participativa.

O Fazendo Minha História tem muito a contribuir nesse complexo processo de compreensão sobre o acolhimento, escuta, construção de opinião e participação. A elaboração do álbum, sempre atrelada ao vínculo de afeto e confiança com o colaborador e profissionais do serviço de acolhimento, permite à criança e adolescente registrar as condições que levaram ao acolhimento e o seu contexto familiar, bem como construir um entendimento e uma narrativa própria sobre

esses acontecimentos. É a partir desse entendimento, que poderá formar uma opinião sobre a situação em que se encontra e sobre suas expectativas de futuro. Fazer e olhar páginas do álbum com a criança e adolescente são oportunidades de escuta que permitem entender o que sentem e pensam. Suas considerações, somadas às observações dos adultos nessas ocasiões, são preciosas fontes de informação para elaboração do PIA.

Os álbuns podem também ajudar as crianças e adolescentes a se expressarem durante audiências concentradas e entrevistas com técnicos da VIJ, situações em que nem sempre estão à vontade para dizer tudo o que pensam e sentem. Além de quebrar o “gelo”, mostrar páginas sobre os temas que serão tratados naquele momento é uma forma da criança ou adolescente expor sua opinião, que foi construída gradualmente nas conversas regulares que surgiram durante a confecção do álbum. Vale lembrar que este deve ser levado em entrevistas e audiências somente se a criança ou adolescente assim desejar. 





ACOMPANHAMENTO CONTÍNUO DOS COLABORADORES

A qualidade do trabalho oferecido às crianças e adolescentes depende do acompanhamento e suporte contínuo aos colaboradores. Além de realizar supervisões mensais, a equipe do serviço de acolhimento deve se colocar à disposição e tomar a iniciativa de se comunicar com os colaboradores por telefone, e-mail ou whatsapp sempre que necessário. Embora pareça óbvio, isso tudo pressupõe conhecer os colaboradores pelos seus nomes, saber com quais crianças e adolescentes cada um atua, se faltam ou não e ter clareza sobre o percurso de trabalho realizado por cada um deles.

2.1 COMUNICAÇÃO EFICIENTE E REGULAR

Reunir e atualizar informações básicas sobre os colaboradores (nome completo, telefone, e-mail, crianças e adolescentes com os quais fazem o projeto, horário dos encontros semanais) através de uma planilha⁸ facilita uma comunicação eficiente e regular com cada um deles.

Colaboradores precisam de um acompanhamento próximo e atento para se sentirem seguros e se manterem animados com o trabalho. Pequenas conversas antes ou depois dos encontros, telefonemas, trocas de e-mails ou mensagens por whatsapp são formas de garantir a eles o suporte técnico necessário!



⁸Veja no ANEXO 4 uma sugestão de planilha.

Além disso, é função da dupla gestora avisá-los caso surja algum imprevisto que impeça a realização do encontro (passeio, consulta médica, ida à casa da família e etc). Chegar ao serviço de acolhimento e não encontrar a criança ou adolescente com o qual trabalha pode acontecer em situações excepcionais, mas quando se torna algo regular o colaborador pode ficar desmotivado, se sentir desrespeitado e desvalorizado.

A dupla gestora deve entrar em contato com colaboradores que não comparecerem à supervisão para entender o motivo da falta, ter notícias dos encontros e esclarecer possíveis dúvidas. Quando necessário, pode agendar uma reunião individual como reposição à supervisão, mas é fundamental transmitir a importância deste espaço em grupo para a qualidade do trabalho!

2.2 SUPERVISÃO MENSAL

A realização dos encontros de supervisão é essencial para o bom andamento das ações e deve ser realizada a cada 30 dias. A participação nas supervisões mensais é um compromisso que o colaborador assume desde o início, quando é selecionado para atuar no projeto e decide participar. Faltar às supervisões e não manter contato regular com a dupla gestora certamente interfere na qualidade do trabalho realizado junto à criança ou adolescente, que é intenso e mobiliza muitos sentimentos. O colaborador pode se sentir solitário e os encontros em grupo são uma oportunidade para trocar experiências, compartilhar dúvidas e angústias, compreender melhor as histórias das crianças e adolescentes, refletir e descobrir maneiras de superar dificuldades, criar novas estratégias e se inspirar para construir um álbum de qualidade.

Muitas vezes é difícil encontrar horários comuns, mas todos devem se esforçar para participar das reuniões. Os primeiros a honrarem o compromisso com a supervisão devem ser os técnicos do serviço, que transmitem o valor desse espaço grupal garantindo sua regularidade e evitando que seja cancelado.



A supervisão de colaboradores é o momento em que todos se reúnem com a dupla gestora do projeto na casa para conversar sobre o andamento dos encontros. É um espaço privilegiado de trocas: profissionais compartilham dados importantes sobre as histórias das crianças e seus processos judiciais e auxiliam os colaboradores a planejar os encontros ou a lidar com comportamentos desafiadores das crianças e adolescentes; colaboradores contribuem trazendo suas reflexões e hipóteses sobre as crianças e adolescentes, boas ideias de atividades e maneiras criativas de conduzir situações que podem ser comuns a todos.

Para que seja produtiva e contribua para a qualidade do trabalho realizado pelos colaboradores esta reunião deve ser ativamente conduzida pela equipe do serviço de acolhimento.

Dicas para a condução da supervisão:

- Planeje a reunião para que temas relevantes sejam abordados e para que todos os colaboradores possam compartilhar suas experiências! No ANEXO 5 há sugestões de dinâmicas e atividades que podem ser utilizadas como disparadoras de trocas e reflexões.
- Prepare o espaço com antecedência, organizando as cadeiras, disponibilizando água e oferecendo um ambiente acolhedor e tranquilo para a reunião.
- Defina um horário de início e de término da reunião.

- Divida o tempo disponível entre os colaboradores, de forma que todos ou a maioria tenha a oportunidade de falar. É importante e necessário saber interromper aqueles que perdem o foco e prolongam-se ao relatar detalhes e informações irrelevantes para a discussão!
- Ouça mais, fale menos! Os colaboradores vivem diversas experiências nos encontros com as crianças e adolescentes, e sentem necessidade de compartilhá-las com os outros colaboradores e com a equipe! Por isso, é importante responder somente àquilo que o colaborador pergunta e relatar apenas as novidades e informações que de fato são

necessárias para o desenvolvimento do seu trabalho - não vale a pena, por exemplo, destinar tempo da reunião com informações sobre crianças e adolescentes que não estão inseridos no projeto (a não ser que haja uma razão específica para isso).

- Selecione um dos participantes como redator da reunião, que anotará as questões mais importantes que surgiram para transmitir e registrar todos os eventuais combinados e tarefas que foram acordados na reunião.
- Inicie e/ou encerre o encontro lendo um livro.

2.3 TROCAS CONSTANTES DE INFORMAÇÕES RELEVANTES

Nem sempre os colaboradores conseguirão aguardar a próxima supervisão para compartilhar uma angústia ou tirar uma dúvida. É possível que algum deles entre em contato por telefone ou e-mail para pedir ajuda. Equipe gestora deve estar disponível para esses contatos e avaliar a urgência da questão trazida para definir se um telefonema é suficiente para ajudar ou se a situação exige uma conversa presencial.

Da mesma forma, há novidades importantes sobre as crianças e adolescentes que não podem aguardar a próxima supervisão para serem informadas aos colaboradores. Previsão de retorno à família de origem, definição da destituição do poder familiar, conflitos graves na escola ou dentro do serviço e evasões são exemplos de situações que afetam radicalmente o comportamento das crianças ou adolescentes ou o andamento do projeto. Por isso precisam ser compartilhadas rapidamente com os colaboradores por telefone ou reuniões individuais.



2.4 APOIO PARA PLANEJAR E EXECUTAR UM ENCERRAMENTO DE QUALIDADE

A despedida acontecerá em algum momento, uma vez que o acolhimento é provisório e que o objetivo dessa medida de proteção é promover a reintegração familiar e, excepcionalmente, a colocação em família substituta. Na maior parte dos casos, a reintegração familiar ou a adoção é um processo gradual, com tempo suficiente para as despedidas necessárias, incluindo a do colaborador. Os rituais que acompanham grandes mudanças são essenciais para a criança ou adolescente compreender e ser participativo no processo de transição.

Embora não se saiba ao certo a duração de cada acolhimento, o encerramento do trabalho não pode acontecer de uma hora para outra! Como é indicado nas Orientações Técnicas, a criança ou adolescente deve ser gradualmente preparada para se desligar do serviço de acolhimento e se despedir das pessoas significativas de sua vida – e o colaborador do FMH é uma delas!

A participação no Fazendo Minha História chegará ao fim preferencialmente quando a criança se desligar do serviço de acolhimento (reintegração familiar, colocação em família substituta ou saída por maioridade), mas isso pode acontecer antes do desejado, por decisão do colaborador. Em ambas as situações é necessário garantir um ritual gradual de encerramento.

Despedidas fazem parte da vida e também do FMH. A ideia não é evitá-las mas realizá-las cuidadosamente, de uma forma confortável e tranquila para as crianças e adolescentes, evitando que fiquem com uma sensação de rompimento ou incertezas. Nesse sentido, é importante planejar e garantir ao menos três encontros de encerramento, que devem ser pensados e planejados com ajuda da dupla gestora.

O 1º encontro tem como objetivo conversar sobre o encerramento. Quando acontece por decisão do colaborador, ele deve explicar de forma clara o que impede a continuidade do trabalho (ex: mudança de cidade, doença ou outra) para evitar que a criança ou adolescente se sinta responsável por esse término. No 2º encontro, as reações da criança ou adolescente diante do encerramento devem ser acolhidas, procurando entender o que pensou e sentiu e garantindo que tenha entendido o motivo do encerramento. Depois disso, é importante planejar um ritual de despedida gostoso para o último encontro. Se houver autorização e disponibilidade por parte do serviço de acolhimento, pode ser planejado um passeio, picnic ou lanche com comidinhas gostosas. No 3º encontro o ritual de despedida definido anteriormente é colocado em prática.

Ao longo desse processo, no momento mais adequado, é importante fazer uma página de despedida onde fique registrado o motivo do encerramento. Além disso, pode ser muito interessante revisitar o álbum, lembrando histórias e registros, avaliando se há alguma página importante que não foi feita e que ainda podem fazer juntos.



Cabe à dupla gestora acompanhar e garantir que os encontros tenham sido realizados, entrando em contato com o colaborador após cada um deles para saber como foi, acolher suas angústias e fazer as orientações necessárias.

Infelizmente, ainda hoje ocorrem desligamentos abruptos. Nesses casos, é interessante a dupla gestora incentivar o retorno da criança ou adolescente com sua família ao serviço para um ritual de despedida ou para um encontro com o colaborador. Se as alternativas anteriores não derem certo, é possível recorrer a uma despedida por carta ou telefonema. 🍌



ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS

Parte importante do sucesso do FMH está ligada a uma boa organização dos espaços onde ele ocorre e dos materiais necessários para garantir seu andamento.

3.1 ESCOLHA E AQUISIÇÃO DE LIVROS

Não há receita certa para escolher o acervo, mas alguns critérios podem ser utilizados para seleção de livros de qualidade:

- **Tema:** É um tema universal, com o qual os leitores podem se identificar? Ou é um tema específico, pelo qual apenas uma pequena parcela de leitores irá se interessar?
- **Trama:** Há início, meio e fim nessa história? O leitor consegue compreender o que está sendo contado?
- **Texto:** O livro é bem escrito? Há qualidade nas frases e nas palavras utilizadas?
- **Ilustrações e projeto gráfico:** As ilustrações são bem feitas, criativas? Chamam a atenção do leitor? Conversam com o texto? O projeto gráfico é bonito?



Além desses, outros critérios podem nortear a escolha dos títulos para a biblioteca. Um deles é a editora; quando conhecemos um livro bom, podemos procurar outras publicações da mesma editora, o que também se aplica ao autor.

Outro importante critério para a escolha dos títulos é o interesse do grupo de leitores. Quando há interesse por determinado tema, pode-se buscar outros livros relacionados à mesma temática. Um grupo de crianças ou adolescentes que gostou do livro “De onde viemos?”, por exemplo, pode também se interessar pelo “Mãe botou um ovo!”, uma vez que ambos abordam a temática da sexualidade.

É preciso pensar também na diversidade e quantidade de livros. Um acervo variado parte da premissa de que as pessoas são diferentes e, portanto, vão se identificar e se encantar por livros diferentes. Assim, são utilizados livros com e sem ilustração, com formatos grandes e pequenos, com uma só história ou com muitas pequenas histórias, livros coloridos, tristes, engraçados, simples ou mais complexos... O importante é ter livros para todos os gostos e que possibilitem diferentes formas de expressão.

O Fazendo Minha História não costuma dividir os livros por faixas etárias rígidas. Entendemos que um mesmo livro pode interessar pessoas de diferentes idades. De certa forma, estabelecer faixas etárias limita a escolha e as possibilidades. É comum, por exemplo, os adolescentes amarem livros extremamente infantis, como os de pop-up. Costumamos dizer que os livros infantis são livros de primeira leitura. E primeira leitura pode ser feita por bebês, crianças, adolescentes, adultos ou idosos, isso é relativo. No pendrive do kit de replicação, há um arquivo em excel com todos os livros que o Fazendo Minha História trabalha.

Alimentar a biblioteca oferecendo novidades é fundamental para o sucesso do trabalho. A partir do momento em que as crianças e adolescentes começam a se interessar pelos livros, querem conhecer mais, e os adultos devem corresponder a esse interesse e estimulá-lo. Por essa razão, a implementação da biblioteca pode ser feita de forma gradual, com as obras sendo entregues aos poucos e não todas de uma só vez. Com o manuseio e o tempo, os livros se deterioram e cada serviço pode criar estratégias de reposição e aquisição de novos títulos.

Montar um acervo interessante exige também fazer uma limpeza nos livros antigos. Enciclopédias, livros de má qualidade e didáticos fora de uso podem ser doados ou colocados em um local separado. Livros em mau estado, com páginas faltando que impedem sua leitura, devem ser descartados.

Livros são caros e a grande maioria dos serviços de acolhimento não possui recursos para adquiri-los. Para superar esse desafio, podem ser feitas campanhas de doação de livros (lembrando que os livros doados devem passar por uma triagem de qualidade antes de serem disponibilizados na biblioteca). Solicitar livros para pessoas ou voluntários que procuram o serviço em datas como Dia das Crianças e Natal também é um ótimo caminho. Com cuidado e delicadeza pode-se dizer, por exemplo, que roupas e alimentos naquele momento não são necessários, mas que as crianças e adolescentes se beneficiarão muito de livros de literatura infanto-juvenil. Se houver abertura e disponibilidade por parte do doador, a equipe pode inclusive oferecer uma lista com sugestões de livros que o serviço gostaria de ganhar.

3.2 MONTAGEM E USO DA BIBLIOTECA

Para ajudar as crianças e adolescentes a se relacionarem de forma prazerosa com os livros, a biblioteca deve ser aconchegante e convidativa. É importante que os livros fiquem acessíveis para que cada um tenha liberdade e sinta-se à vontade para explorá-los no momento que desejar. Assim, a criança e o adolescente podem descobrir que têm condições de buscar conhecimento e momentos de prazer de forma autônoma, independentemente da presença e do controle de um adulto.

O sentido maior da biblioteca é seu uso constante. A melhor maneira de cuidar desse espaço é mantê-lo vivo. Cabe aos profissionais do serviço assumir a biblioteca, garantir a preservação e ensinar a cuidar do acervo. É muito importante que as crianças e adolescentes se sintam “donos” dos livros. Só assim eles serão verdadeiramente cuidados: não por meras regras e procedimentos, mas porque são valiosos para o grupo. Além das mediações realizadas pelos colaboradores, espera-se que os profissionais da casa pensem em formas diversas de inserir a leitura na rotina, planejando-a como uma atividade semanal.



Os livros podem ficar em diferentes espaços da casa, favorecendo a interação das crianças e adolescentes. As sessões de mediação de leitura propostas e realizadas pelos educadores podem acontecer no quarto antes de dormir, na biblioteca, num cantinho gostoso da casa, na praça, no parque, na sala de espera da consulta médica. Os momentos de leitura não devem ser obrigatórios, mas sim respeitosos e acolhedores, favorecendo a criação de vínculos de confiança.

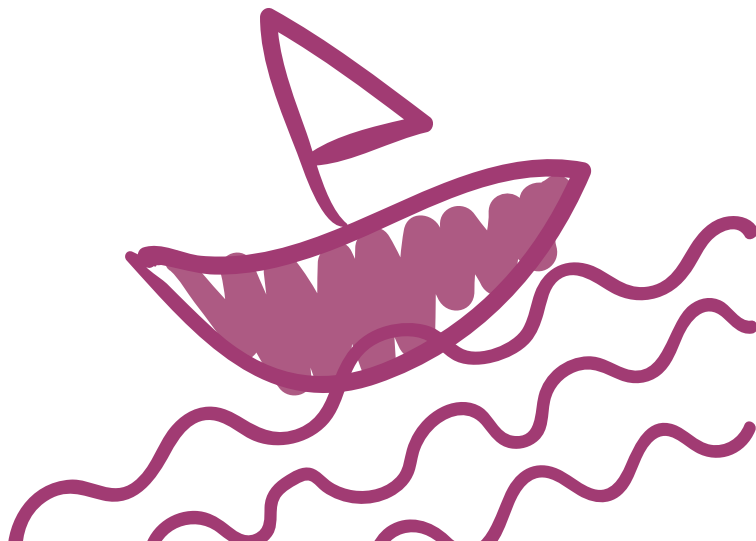
Os profissionais do serviço podem – e devem – levar livros para casa. É essencial que possam conhecer e utilizar cada vez mais o acervo. Para isso, o serviço pode organizar um procedimento simples de empréstimo, como uma lista para registro das retiradas e devoluções.

3.3 LOCAL RESERVADO PARA REALIZAÇÃO DOS ENCONTROS SEMANAIS

O local onde crianças e adolescentes se encontram com seus colaboradores semanalmente deve ser aconchegante, convidativo e reservado. Em geral, os encontros são realizados na biblioteca, o que facilita o acesso aos livros e

a mediação de leitura. Um tapete no chão, almofadas e puffs podem deixá-lo ainda mais gostoso.

O espaço dos encontros deve permitir que as crianças e adolescentes se sintam à vontade para compartilhar histórias e lembranças íntimas. Para evitar interrupções e sensação de exposição, não pode ser um local de passagem ou de convivência.



3.4 ÁLBUNS

Para que acompanhem as crianças e adolescentes por toda a vida, o material do álbum deve ser resistente e durar por anos. Os produzidos pelo Fazendo Minha História possuem uma capa dura de papelão (H25 100g), com dimensão 33,4x25,4x1,8 cm. Na capa há espaço para uma foto do protagonista da história. Sua parte interna é composta por 30 folhas de 33,1x25,1 cm (Kraft 300g).

Os álbuns devem ser guardados em local seguro, evitando que sejam estragados e, ao mesmo tempo, garantido que sejam acessados pela criança ou adolescente que desejar vê-lo ou mostrá-lo para alguém. Dessa forma, é importante que estejam disponíveis aos finais de semana, quando a maior parte das visitas das famílias ocorre.



Faz parte das atribuições da dupla gestora garantir que as crianças e adolescentes levem seus álbuns quando se desligarem do serviço de acolhimento. Caso algum permaneça no serviço por engano, a dupla gestora deve localizar seu autor – mesmo em caso de evasões – e organizar a entrega.

O álbum garante a permanência de lembranças, a sensação de continuidade da vida. Assume o papel do adulto que conta e reconta histórias da infância e da adolescência. É ele que relembra ao jovem e adulto que um dia a criança se tornará quem eram pessoas e as relações importantes que fizeram parte de sua vida.

Alguns álbuns físicos podem se perder ou estragar, sobretudo após o período do acolhimento. Para garantir que os meninos e meninas tenham acesso aos registros quando quiserem e onde estiverem, mesmo em caso de perda, a dupla gestora, com apoio dos colaboradores, pode criar um procedimento de digitalização e arquivamento virtual dos registros. Uma forma simples de realizar essa digitalização é tirar uma foto de qualidade semanalmente ou sempre que uma página for finalizada. Essas fotos podem ser arquivadas em plataformas como Dropbox, com pastas criadas para cada criança e adolescente.

3.5 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Fotos costumam ser um valioso tesouro pessoal e familiar. Elas permitem guardar na memória momentos especiais, reunir parentes ou amigos para contar e recontar histórias. São um objeto de identificação e de fortalecimento da identidade pessoal e familiar. Toda imagem guarda uma história que merece ser contada, mas no contexto do acolhimento fica uma pergunta: que adulto acompanhou continuamente as etapas da vida das crianças e adolescentes e seria capaz de explicar a elas as experiências retratadas nas fotos que não é capaz de se lembrar sozinha? Dificilmente as crianças e adolescentes acolhidos possuem um adulto que os acompanhou de forma contínua e ininterrupta. Dessa forma, dificilmente há alguém capaz de contar e recontar vivências tanto do acolhimento quanto dos períodos anteriores ao acolhimento. As fotos dos álbuns, somadas às legendas que contam a história que ela guarda, poderão cumprir parte desta importante função.

As crianças e adolescentes gostam muito de olhar e mostrar fotos. Através delas se sentem importantes, reconhecidas, valorizadas e respeitadas. A dupla gestora

deve garantir e incentivar o registro fotográfico da rotina e momentos especiais das crianças e adolescentes. Técnicos e educadores, sensibilizados constantemente pela dupla gestora, são responsáveis por fotografar festas, passeios, visitas das famílias e atividades do dia a dia, como as brincadeiras, a hora do almoço, do estudo e o ambiente do quarto.

3.6 IMPRESSÃO DE FOTOS E DISTRIBUIÇÃO AOS COLABORADORES

Para que as crianças e adolescentes tenham número suficiente de fotos para fazer as páginas de seus álbuns, sugere-se que a dupla gestora imprima uma média de 5 fotos por mês para cada uma delas. O procedimento de seleção das fotos tiradas, envio para a loja especializada, retirada e entrega aos colaboradores não é simples e exige organização. Educadores podem ser convidados a contribuir com essas etapas!

Nem todos os serviços de acolhimento possuem recursos para impressão de fotos. Para contornar a falta de verba, a dupla gestora pode procurar loja de impressão, explicar a relevância das fotos e, dessa forma, incentivar a loja a

Algumas dicas práticas podem ajudar no processo de seleção, impressão e distribuição de fotos aos colaboradores:


- Arquivar no computador as fotos pouco tempo depois que forem tiradas, sem deixar que acumulem na máquina fotográfica ou celular;
- Criar no computador pastas de fotos separadas por crianças e adolescentes;
- Convidar as próprias crianças e adolescentes para escolher as 5 fotos que querem imprimir naquele mês;
- Definir um dia fixo mensal para enviar as fotos à loja de revelação.

fazer descontos ou até mesmo imprimir sem custo. Além disso, assim como sugerido em relação aos livros, pode-se criar o hábito de pedir recursos para impressão de fotos para pessoas ou voluntários que procuram o serviço em datas como Dia das Crianças e Natal. Uma alternativa interessante é perguntar aos colaboradores se eles próprios poderiam arcar com os custos da impressão de fotos das crianças ou adolescentes com as quais trabalham. Caso os colaboradores se disponibilizem a custear a impressão das fotos, estas podem ser enviadas diretamente a eles por Whatsapp ou e-mail, o que facilita o procedimento.

3.7 MATERIAL GRÁFICO

O material gráfico é um recurso fundamental para a construção do álbum, pois registros bonitos, coloridos e caprichados transmitem o valor da história de cada criança e adolescente. É recomendável que cada colaborador receba, ao iniciar o trabalho, um kit básico de materiais: folhas coloridas, tesoura, cola, régua, lápis de cor, canetas esferográficas, canetas hidrográficas, giz de cera, tinta guache, cola. Cada um pode complementar esse kit, de acordo com o interesse, disponibilidade e personalidade da criança ou adolescente com quem trabalha.

Caso o serviço não possua recursos para kits de materiais gráficos individuais, pode montar uma caixa de material para uso coletivo. Essa caixa deve ser continuamente organizada pela dupla gestora em parceria com os colaboradores.

Apresentar o projeto e buscar parceria com papelarias, armarinhos e costureiras é um caminho interessante para conseguir papéis coloridos e enfeitados, retalhos de tecidos, papéis de presente e outros materiais interessantes que podem enfeitar as páginas dos álbuns. 








CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta publicação busca compartilhar os procedimentos do Fazendo Minha História, contribuir para sua implementação qualificada e gestão autônoma em muitos lugares do Brasil. Desejamos que um número cada vez maior de crianças e adolescentes acolhidos tenha garantido o direito de acesso às suas histórias de vida!

Esta metodologia de trabalho está baseada na construção de um vínculo estável e duradouro com um adulto de referência – voluntário da sociedade civil ou profissional do serviço de acolhimento. Cuidar desse vínculo é fundamental para evitar separações abruptas que fazem parte das biografias de muitas crianças e adolescentes acolhidos. O processo de formação, seleção e acompanhamento regular dos colaboradores é parte central desse cuidado. O projeto requer compromisso e responsabilidade da dupla gestora, que deve garantir a execução das ações descritas neste guia com apoio de outros profissionais.

Para a equipe do Fazendo Minha História é um prazer receber notícias, trocar experiências, refletir e esclarecer possíveis dúvidas! Estamos disponíveis por telefone e por e-mail. ***Junte-se a nós e faça parte desta história!*** 

ANEXOS

ANEXO 1 – PASSO A PASSO DOS 3 ENCONTROS DE FORMAÇÃO INICIAL DOS COLABORADORES

ENCONTRO 1

Tema: O Acolhimento Institucional, a Metodologia Fazendo Minha História e o contrato com o colaborador.

Duração: 3 horas.

- 1) Recepção acolhedora e assinatura de lista de presença
- 2) Breve apresentação dos participantes em roda: cada um diz seu nome, o que faz e a motivação para esse trabalho voluntário 10'
- 3) Contextualização histórica do acolhimento: diferença entre orfanato e serviço de acolhimento 30'
- 4) Apresentação do vídeo “Que casa é essa?” e esclarecimento de dúvidas sobre o funcionamento dos serviços de acolhimento 30'
- 5) Apresentação do serviço de acolhimento que está realizando a formação 10'
- 6) Intervalo com lanche 10'
- 7) Apresentação do vídeo “Fazendo Minha História” 10'
- 8) Explicação sobre a metodologia e seus objetivos (geral e específicos) através do triângulo metodológico 10'

9) Apresentação do contrato com o colaborador voluntário através de power point 20'

10) Discussão sobre as situações institucionais: o grupo se divide em duplas ou trios e conversa sobre uma ou mais situações que são entregues pela dupla gestora. Depois de um tempo, compartilham com todos a reflexão feita e podem, também, ler a resposta no verso da ficha 50'

11) Indicação do Guia de Ação para Colaboradores disponível no site do Instituto Fazendo História.

ENCONTRO 2

Tema: Mediação de literatura

Duração necessária: 3 horas.

- 1) Recepção acolhedora e assinatura de lista de presença
- 2) Esclarecimento de possíveis dúvidas após 1º encontro 5'
- 3) Sensibilização para as narrativas literárias: leitura de livro escolhido pela dupla gestora 5'
- 4) Brincadeira com livros (encontre diversas sugestões no guia de gestão) 10'
- 5) Livre exploração do acervo espalhado sobre um tapete ou esteira. Solicitar aos participantes que leiam alguns livros e percebam os diferentes projetos gráficos, tipos de escritas, autores, ilustradores, temas etc 25'

- 6) Mediação de leitura em trios. Cada participante escolhe um livro que gostou e lê para seu grupinho 15'
- 7) Explicação sobre a mediação de leitura no contexto do Fazendo Minha História a partir da leitura de trechos do Guia de ação para colaboradores 25'
- 8) Intervalo com lanche 10'
- 9) Atividade Meu Avô Apolinário (ver ficha específica) 30'
- 10) Sensibilização para as narrativas literárias: leitura de livro escolhido pela dupla gestora 5'
- 11) Discussão sobre as situações de mediação de leitura: o grupo se divide em duplas ou trios e conversa sobre uma ou mais situações que são entregues pela dupla gestora. Depois de um tempo, compartilham com todos a reflexão feita e podem, também, ler a resposta no verso da ficha. 50'
- 12) Pedir que cada participante leve uma foto de um momento marcante de sua trajetória de vida no encontro seguinte.

ENCONTRO 3

Tema: O registro das histórias através da construção dos álbuns.

Duração necessária: 3 horas.

- 1) Recepção acolhedora e assinatura de lista de presença
- 2) Sensibilização para as narrativas literárias: leitura de livro

- escolhido pela dupla gestora 5'
- 3) Apresentação do vídeo "Programa Brasileiros" 10'
- 4) Apresentação dos parâmetros para a construção dos álbuns através de power point 40'
- 5) Discussão sobre as situações ligadas à construção dos álbuns: o grupo se divide em duplas ou trios e conversa sobre uma ou mais situações que são entregues pela dupla gestora. Depois de um tempo, todos compartilham a reflexão feita e podem, também, ler a resposta no verso da ficha. 50'
- 6) Intervalo com lanche 10'
- 7) Exposição das fichas de registro, com sugestões de páginas para os álbuns 10'
- 8) Disponibilizar material gráfico: folhas coloridas, folhas sulfite, canetinhas, lápis, giz de cera, cola, tesoura e régua. Convidar cada participante a construir um registro sobre algum momento marcante da própria história a partir dos temas sugeridos nas fichas ou da foto que trouxe 45'
- 9) Sensibilização para as narrativas literárias: leitura de livro escolhido pela dupla gestora 5'
- 10) Explicação sobre as próximas etapas de seleção e início do trabalho 5'

ANEXO 2 – SUGESTÃO DE TEXTO DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO NA COMUNIDADE

Gosta de livros, de ouvir e contar histórias? Gostaria de fazer um trabalho voluntário com bebês, crianças ou adolescentes? Então venha conhecer o Fazendo Minha História, projeto desenvolvido pelo [NOME DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO!](#)

Que projeto é esse?

O Fazendo Minha História oferece espaços de expressão para que bebês, crianças ou adolescentes que estão temporariamente em serviços de acolhimento conheçam, elaborem e se apropriem de sua história (passada, presente e futura) a partir do vínculo afetivo com um voluntário, da literatura infanto-juvenil e da construção de um álbum personalizado sobre sua trajetória de vida. Quando saem do serviço de acolhimento, os meninos e meninas levam consigo suas memórias e sentimentos nos mais belos registros!

Como acontece?

Os colaboradores voluntários realizam o projeto com dois bebês, crianças ou adolescentes e se encontram com cada

um deles semanalmente durante 1 hora. Fazem parte desses encontros individuais conversas, brincadeiras, leitura de livros e construção do álbum de histórias. Para se tornar um colaborador voluntário, é necessário passar por uma formação inicial composta por 3 encontros de 3 horas cada. Quem se torna colaborador é continuamente acompanhado e supervisionado pela equipe do serviço de acolhimento. O colaborador deve ter disponibilidade para participar do projeto por no mínimo um ano, mas a expectativa é que acompanhe a criança ou adolescente por todo o período do acolhimento.

Se interessou? Participe da próxima formação de voluntários!

Local
Data
Horário

Para se inscrever, envie seu nome completo, telefone e email para: [E-MAIL DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO OU DA DUPLA GESTORA.](#)

ANEXO 3 – SUGESTÃO DE CONTRATO DE VOLUNTARIADO E TERMO DE ADESÃO

Nome do Voluntário: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Telefone celular: _____
Telefone comercial: _____
Telefone residencial: _____
E-mail: _____
Nome do serviço de acolhimento: _____
Data do início do trabalho no projeto: _____
Previsão de término do trabalho no projeto: _____
Dia e horário de trabalho: _____

O prazo para finalização deste contrato será definido de acordo com o processo, demandas e possibilidades do colaborador, assim como da criança ou adolescente darem andamento aos encontros. Estudos demonstram que as relações mais transformadoras, a partir do modelo que propomos aqui, são as que têm mais de um ano de duração. Desejamos e trabalhamos para que cada colaborador possa construir uma relação de longo prazo com a criança ou adolescente com quem irá trabalhar.

Os princípios fundamentais que regem a atuação do voluntário são o comprometimento, respeito e honestidade.

Espera-se que o colaborador:

- Participe dos três encontros iniciais de formação.
- Planeje seus encontros com as crianças ou adolescentes, visando à qualidade do processo.
- Compareça ao serviço de acolhimento no horário acordado. Quando não puder comparecer, que avise ao serviço com antecedência e fale diretamente com a criança, na semana anterior ou por telefone.
- Realize encontros de uma hora por semana com as crianças e/ou adolescentes, lendo histórias e apoiando a elaboração de seus álbuns.
- Mantenha a organização e limpeza da sala onde são realizados os encontros.
- Compareça às reuniões de supervisão.
- Tenha uma postura ética com relação às histórias, mantendo o sigilo das informações trocadas junto à equipe e o cuidado com o uso das fotos das crianças e adolescentes, que não podem ser divulgadas em mídias sociais.
- Pense em conjunto e obtenha aprovação da equipe técnica do serviço de acolhimento para dar presentes ou realizar passeios com as crianças e/ou adolescentes.
- Realize ao menos três encontros de encerramento, seja qual for a motivação para o término dos encontros: saída da criança e/ou adolescente do serviço de acolhimento, impossibilidade do colaborador dar continuidade ao projeto por motivos pessoais ou entendimento pelo serviço de acolhimento e pelo colaborador de que o encerramento é necessário.
- Compartilhe fatos importantes relativo aos encontros e à criança ou adolescente com o serviço de acolhimento.

Espera-se que o serviço de acolhimento e a dupla gestora do projeto:

- Garantam que as crianças e os adolescentes estejam na casa no dia e horário do encontro e, caso isso não seja possível, avisem os colaboradores com antecedência.
- Organizem um ambiente individualizado, íntimo e preservado para que os encontros.
- Informem aos colaboradores as novidades e fatos relevantes sobre a vida das crianças e adolescentes.

- Proporcionem fotografias e outros registos importantes para a realização do álbum.
- Planejem com antecedência e realizem mensalmente as reuniões de supervisão dos colaboradores.
- Apoiem os colaboradores em situações e dificuldades encontradas no decorrer do trabalho, através de telefonemas, trocas de e-mails ou Whatsapp e reuniões individuais.
- Ajudem a planejar os encontros, sugerindo atividades, livros e ideias para a elaboração dos álbuns.
- Reflitam com os colaboradores sobre as crianças e adolescentes, levantando hipóteses sobre seus comportamentos e buscando boas estratégias de trabalho para ajudá-las a conhecerem e entenderem suas histórias.

O trabalho Voluntário a ser desempenhado junto a esta instituição, de acordo com a Lei nº. 9.608, de 18/02/1998, é de atividade não remunerada, com finalidades educacionais e não gera vínculo empregatício nem funcional, ou de quaisquer obrigações trabalhistas, previdenciárias e afins.

Declaro estar ciente da legislação específica sobre serviço Voluntário e que aceito atuar como voluntário nos termos do presente Termo de Adesão.

Cidade: _____ **Data:** _____

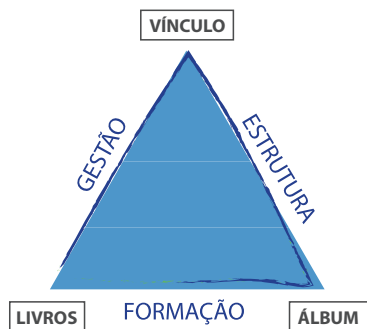
Assinatura do voluntário

Assinatura do gestor do FMH

ANEXO 4 – SUGESTÃO DE PLANILHA COM INFORMAÇÕES DOS COLABORADORES

COLABORADOR	E-MAIL	TELEFONES	CRIANÇA OU ADOLESCENTE	DATA DO INÍCIO DO PROJETO	DIA E HORA DOS ENCONTROS SEMANAIS

ANEXO 5 – SUGESTÃO DE DINÂMICAS E ATIVIDADES PARA SUPERVISÃO DOS COLABORADORES



ATIVIDADE DO TRIÂNGULO METODOLÓGICO

Possibilidade 1) Apresentar aos colaboradores o triângulo metodológico do Fazendo Minha História, pedindo que pensem uma conquista e um desafio do trabalho com as crianças e adolescentes com relação a cada um dos itens do triângulo: VÍNCULO, LIVROS e ÁLBUMS. Compartilhar com o grupo, encontrando pontos comuns, boas ideias e soluções para as dificuldades.

Possibilidade 2) Perguntar: Qual a maior dificuldade/dúvida que tem você tem encontrado na realização do FMH? Qual cena inspiradora, vivida com a criança/adolescente, vale a pena contar?

ATIVIDADE DOS ÁLBUNS

Retomar aspectos importantes dos parâmetros para um bom álbum, através da leitura de trechos do Guia de Ação para colaboradores, como “começar pelo presente”, “legendar as fotos” ou da leitura dos “5 mandamentos para a construção dos álbuns”. Avaliando o álbum da sua respectiva criança ou adolescente, cada colaborador escolhe uma página que considera boa e uma que precisa melhorar, compartilhando com o grupo a reflexão que fez.

5 MANDAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ÁLBUM

Escreverás em todas as páginas e sempre de forma legível! Por ser um álbum de histórias, o conteúdo escrito é a parte mais valiosa e deve ser muito explorado em todas as páginas! Quanto mais trechos escritos, mais completos e ricos ficarão os registros. Para a criança entender (hoje e no futuro) o que está escrito no álbum, é fundamental que o conteúdo seja legível. Por isso é preferível utilizar letra de

forma e usar canetas ou canetinhas hidrográficas, pois o lápis apaga com o tempo.

Buscarás várias fontes de informação para elaborar as páginas. Nem sempre as crianças se lembram com detalhes ou conseguem narrar os momentos que viveram, sobretudo as pequenas. Por esse motivo, é preciso buscar ajuda de profissionais da casa, irmãos e outras crianças e adolescentes para escrever histórias detalhadas, deixando claro no registro quem forneceu aquela informação (por exemplo: “a educadora Maria disse que o Antônio adora tomar suco de goiaba!”). Passear pelo serviço de acolhimento junto com a criança para coletar relatos é uma atividade prazerosa – afinal é gostoso ouvir pessoas contarem histórias sobre nós – e enriquecedora, pois oferece modelos e recursos para que a criança aprenda a falar mais sobre si.

Farás legenda em todas as fotos, desenhos e colagens!

As legendas são fundamentais para que no futuro a criança ou adolescente possa conhecer detalhes da história guardada na imagem. As fotos devem vir acompanhadas de relatos escritos sobre quem está nela, onde foi tirada e o que estava acontecendo no momento do “click”. Quando a

própria criança ou adolescente não sabe dizer muito sobre a foto, o colaborador pode pedir mais informações para os profissionais do serviço. Se possível, é recomendável colocar a data ou época da fotografia. Em relação a desenhos e colagens, vale estimular a criança a contar uma história sobre a imagem criada e escrevê-la ao lado, uma vez que podem ser uma forma de falar sobre si mesma, de suas experiências, sentimentos e desejos. A legenda pode conter, ainda, informações sobre o que motivou a produção daquele desenho ou colagem (ex: após a leitura do livro “Vira Lata”, Joaquim contou que já teve um cachorro chamado Fubá e quis desenhar esse companheiro tão querido).

Colocarás títulos e datas em todas as páginas! Títulos e datas organizam o álbum e o relato da criança ou adolescente. Não podem faltar em nenhuma página. No futuro, será muito importante para que saibam quando viveram, pensaram ou sentiram aquilo que está relatado no álbum.

Enfeitarás o álbum usando sua criatividade! Páginas bonitas transmitem à criança ou adolescente a sensação de que a história registrada tem muito valor. É importante lembrar que a estética do álbum deve respeitar o gosto e

as características de seu autor. Investir em cores, colagens, adesivos, molduras nas fotos são maneiras de enfeitar as páginas.

ATIVIDADE CENAS SIGNIFICATIVAS VIVIDAS NOS ENCONTROS

Distribuir para cada colaborador um papel com as seguintes frases: “Descreva uma cena desafiadora que você vivenciou com o bebê/ criança/ adolescente” e “Descreva uma cena inspiradora que você vivenciou com o bebê/ criança/ adolescente”. Depois cada um compartilha a cena desafiadora. A dupla gestora, junto com o grupo, ajuda a pensar caminhos para as dificuldades encontradas. Depois são compartilhadas as cenas inspiradoras para que o restante do grupo aproveite e se inspire com boas experiências dos colegas.

ATIVIDADE DE REFLEXÃO SOBRE OS CASOS DE CADA CRIANÇA OU ADOLESCENTE

Cada colaborador, antes da reunião, recebe um e-mail pedindo que pense em duas dúvidas que possui em relação às crianças e adolescentes com os quais trabalha.

Estas dúvidas devem estar relacionadas com uma inquietação que surgiu a partir de alguma atitude ou comentário nos encontros (ou seja, não são uma simples curiosidade, servem para compreender o que a criança traz). As dúvidas são enviadas para a dupla gestora uma semana antes da supervisão para que possa se preparar com antecedência para refletir e oferecer informações relacionadas ao que foi levantado pelo colaborador.

ATIVIDADE TRÊS CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA OU ADOLESCENTE

Disponibilizar 15 minutos para os colaboradores se concentrarem e escreverem três características da criança ou adolescente. Pedir para que descrevam, no papel, como essas características aparecem nos momentos de leitura, de registros nos álbuns e vínculo. Cada participante compartilha seu relato com o grupo, que pode ajudar a pensar em como conduzir os encontros de acordo com as características levantadas. A dupla gestora contribui com orientações e aproveita as colocações dos colaboradores como fonte de informação para o trabalho com as crianças e adolescentes na rotina do serviço.

ATIVIDADE QUE BOM QUE / QUE PENA QUE / QUE TAL SE...

Os colaboradores preenchem a tabela abaixo. Depois cada um compartilha o que escreveu. Dupla gestora e restante do grupo refletem sobre os desafios apresentados e pensam estratégias para superá-los.

	Vínculo com a criança/ adolescente	Em relação ao FMH e ao serviço de acolhimento
Que bom que...		
Que pena que...		
Que tal se...		

ATIVIDADE PARA REFLETIR E AVALIAR O TRABALHO DESENVOLVIDO

Essa sugestão pode ser utilizada no início do ano para retomar o trabalho do ano anterior e pensar maneiras de aprimorar o projeto durante ano que se inicia. As perguntas podem ser adaptadas de acordo com as características dos colaboradores e enviadas por e-mail

antes da reunião. Durante a supervisão, as respostas são trabalhadas para avaliar o trabalho desenvolvido em parceria pelo colaborador e pelo serviço de acolhimento.

- Como contribuí para a elaboração da história de vida das crianças que acompanho?
- As crianças estão lendo mais? Gostam?
- Como é a nossa relação?
- Os álbuns estão de acordo com os parâmetros de qualidade?
- De que forma a supervisão pode contribuir com meu trabalho no Fazendo Minha História?
- Em que posso melhorar como colaborador?

ATIVIDADE DAS PALAVRAS CHAVE (REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DO COLABORADOR E DA CRIANÇA/ADOLESCENTE NO PROJETO)

Antes da supervisão, a dupla gestora escolhe palavras chave que representam o momento que o grupo de colaboradores atravessa, por exemplo: desafio, conquista, impasse, expectativa, desejo, medo, conflito, ganho, avanço, mudança etc. Cada palavra é escrita em um pequeno pedaço de papel (vale a pena escrever cada

palavra mais de uma vez para a quantidade de papéis ser maior). Os papéis são dobrados e colocados em um pote.

Durante a supervisão, cada colaborador sorteia dois papeis

- Em relação à primeira palavra sorteada, deve dizer como ela se relaciona com o seu trabalho com a criança/adolescente (ex.: se saiu a palavra desafio, o colaborador terá que contar um desafio que ele mesmo enfrentou no trabalho com a criança).
- Em relação à segunda palavra sorteada, o colaborador deve se colocar no lugar da criança/adolescente e pensar o que ela diria sobre aquela palavra (ex.: se saiu conquista, o colaborador terá que dizer o que ele acha que a criança/adolescente diria de uma conquista que teve no decorrer do projeto).

OBS: cada dupla de papéis é relativa a uma criança/adolescente; os colaboradores devem portanto, tirar 4 papéis no total (um par sobre uma criança, e outro par para a outra).

FICHA TÉCNICA

Direção técnica

Isabel Penteadó

Coordenação Fazendo Minha História

Debora Vigevani

Produção de conteúdo

Debora Vigevani

Revisão Técnica

Aline Munhoz

Isabel Penteadó

Projeto Gráfico

Designeria

Material elaborado no primeiro semestre de 2019.





instituto
fazendohistória

EQUIPE FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Contatos: (11) 3021-9889

contato@fazendohistoria.org.br

www.fazendohistoria.org.br



patrocínio:



realização:



MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

